MELGAÇO
(Vila)

A capela de Nossa Senhora da Orada está situada na freguesia de Vila, a nordeste de Melgaço, sede de concelho (distrito de Viana do Castelo) da qual dista 1,1 km.
Situada em lugar alto, na vertente sul do rio Minho, sobranceira a uma várzea fértil e com a fachada principal voltada para a Galiza, a capela de Nossa Senhora da Orada tem uma implantação própria dos locais de devoção e romaria. Construída junto à via medieval, que de Melgaço seguia para São Gregório, Orada apresentava um nártex adossado à fachada principal. Este pórtico que se erguia sobre a via, atravessando-a, manteve uma boa parte da sua estrutura até ao século XIX, como testemunha um desenho de José Pedreira publicado em 1886. A função deste pórtico deverá estar associada com a assistência e a prática devocional, uma vez que as galilés eram muitas vezes aproveitadas para viajantes e romeiros aí se abrigarem.

As origens da capela não são totalmente claras, embora a documentação indique que D. Afonso Henriques doou a herdade de Santa Maria da Orada ao mosteiro de Fiães (Melgaço), conforme se deduz de um diploma de D. Sancho I datado de 1199. A entrega da herdade aos monges de Fiães deverá fazer parte de uma doação mais vasta, que abrangeu todos os bens que D. Afonso Henriques possuía entre Melgaço e Chaviães, registada em documento de 1173. No diploma de D. Sancho I, o rei lembra a doação de seu pai para, por sua vez, doar a herdade de Orada à população de Melgaço em troca de outros bens que concede à comunidade monástica. Os direitos sobre a posse da capela estiveram em dúvida até 1220 quando, por intervenção do bispo Lourenço de Orense, um acordo entre a vila de Melgaço e o mosteiro consagrou os direitos da comunidade cisterciense relativamente a Orada. Todavia, não há dúvidas quanto à iniciativa da construção da capela já que uma epígrafe, muito provavelmente do século XIII, inscrita na fachada principal, informa que foi o abade de Fiães o seu fundador. Em dois documentos do *Cartulário de Fiães*, datados de 1218 e 1240, é referida a *ecclesiam de Sanctae Mariae de Herada* enquanto no documento de Sancho I de 1199, a doação em causa diz respeito à herdade de *Sancte Maria da Erada*. Permanecem as dúvidas sobre a existência de uma capela no final do século XII, embora o documento de 1218 seja claro sobre a presença de uma *ecclesiam*.

A doação de Afonso Henriques ao mosteiro de Fiães deve ser enquadrada na estratégia política de ocupação e defesa da fronteira. A reorganização diocesana da época sueva integrara o território de Entre-Lima-e-Minho na diocese de Tui, situação que se manteve até 1381. Esta ligação à administração religiosa galega muito contribuiu para manter os laços de uma longa relação entre as duas margens do rio, apesar da definição da fronteira política. De facto, contrariando a permeabilidade física e diocesana da fronteira, a margem esquerda do rio Minho será, entre os séculos XII e XIV, provida de construções fortificadas. As vilas mais importantes – Valença, Monção e Melgaço – são então favorecidas no âmbito de uma política dominada pelos interesses militares para que nos lugares fronteiriços, que tinham o encargo da primeira defesa, se fixassem as populações. É neste contexto, de defesa e definição do território, que as comunidades monásticas e paroquiais são beneficiadas por diplomas régios com o objetivo de contribuírem para a segurança da fronteira. A atividade construtiva e o auxílio prestado em situações de guerra, demonstram bem a estreita relação entre os mosteiros e a defesa da linha fronteiriça definida pelo rio Minho, apesar da sua subordinação eclesiástica à diocese de Tui.

A semelhança entre a escultura das igrejas românicas das duas margens do rio Minho, conduziu Manuel Monteiro a agrupar os templos portugueses em dois núcleos, ligando-os ora à sé de Tui, ora à região de Orense. Depois deste primeira sistematização, Reinaldo dos Santos, Aarão de Lacerda, Artur Nobre de Gusmão, Bernardo Pintor e Lourenço Alves, confirmaram e especificaram as afinidades apontadas por Manuel Monteiro. Uma fronteira política penetrável

e uma diocese comum ajudavam a esclarecer este fenómeno de contaminação de modelos. C. A. Ferreira de Almeida e Manuel Real abordaram a escultura das igrejas portuguesas do vale do Minho, em trabalhos de âmbito mais vasto, colocando novamente a questão das contaminações galegas.

Capela de Nossa Senhora da Orada

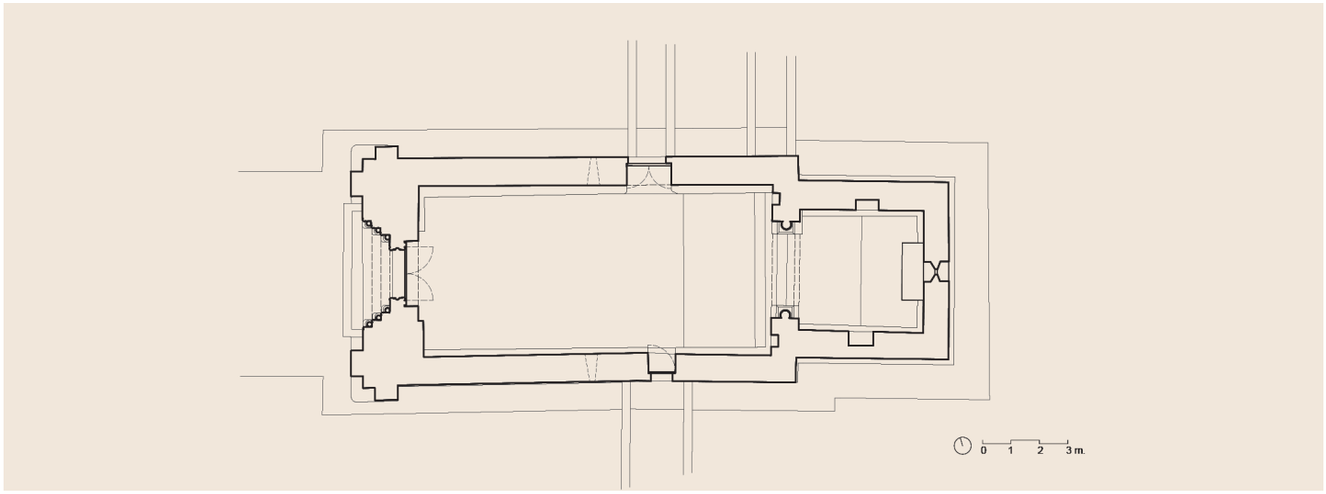
A CAPELA DE ORADA apresenta cabeceira e nave retangulares, cobertas por tetos de madeira, correspondendo à tipologia mais frequente do românico português. O templo foi construído em granito de grão médio, enquanto nos elementos esculpidos dos portais axial e norte foi utilizado granito de grão muito fino. A cabeceira é mais baixa e estreita do que a nave e apresenta um vão de iluminação no seu topo oriental. A moldura deste vão, de esquinas boleadas, e o facto de se abrir em enxalço, sugerem uma inspiração em alçados próprios da época gótica. A cornija tem o plano superior em escócia, decorado com esferas, e assenta sobre cachorros de secção tendencialmente quadrangular. Tanto no muro norte como no muro sul da cabeceira, a escultura dos cachorros é maioritariamente geométrica e vegetalista, sendo de realçar os cachorros que apresentam rolos, modelo largamente utilizado na arquitectura da Alta Idade Média peninsular e que se mantém na arquitetura românica, embora vá perdendo a sua forma original muito alongada já que sustentava cornijas profundas. Duas cabeças humanas, uma em cada muro, são os únicos elementos figurativos da cachorrada da cabeceira.

Contrafortes em ressalto, que ficam abaixo da cornija, adossam-se aos muros laterais junto à fachada principal, que também os apresenta. As fachadas laterais são percorridas por lacrimal e conservam mísulas, o que indicia a existência de alpendres laterais. Estes elementos e o pórtico que se encostava à fachada principal, configuravam uma capela rodeada de alpendres, provavelmente de acordo com a sua função de santuário e de acolhimentos a romeiros e viajantes.

Um dos aspetos mais singulares deste templo reside no facto de os cachorros que seguram as cornijas das fachadas laterais da nave serem acompanhados por métopas esculpidas. A presença de métopas não é comum no

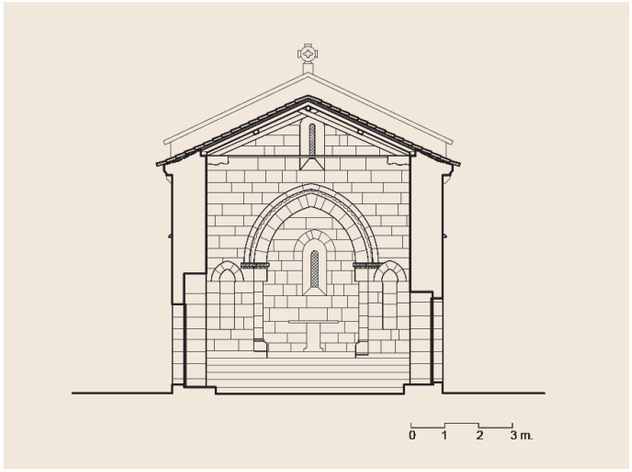


Perspetiva geral da capela a partir do lado sudoeste

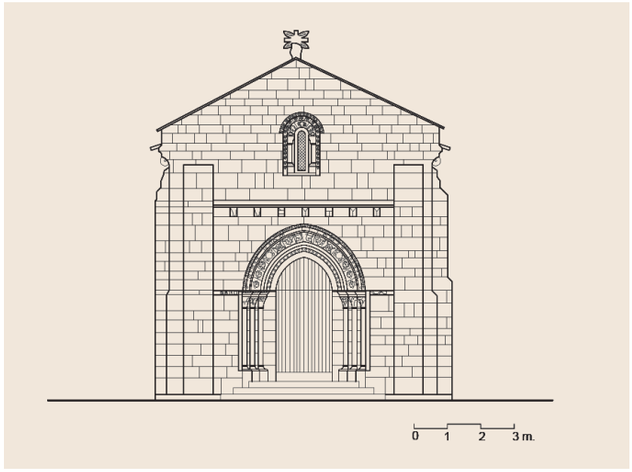


Planta

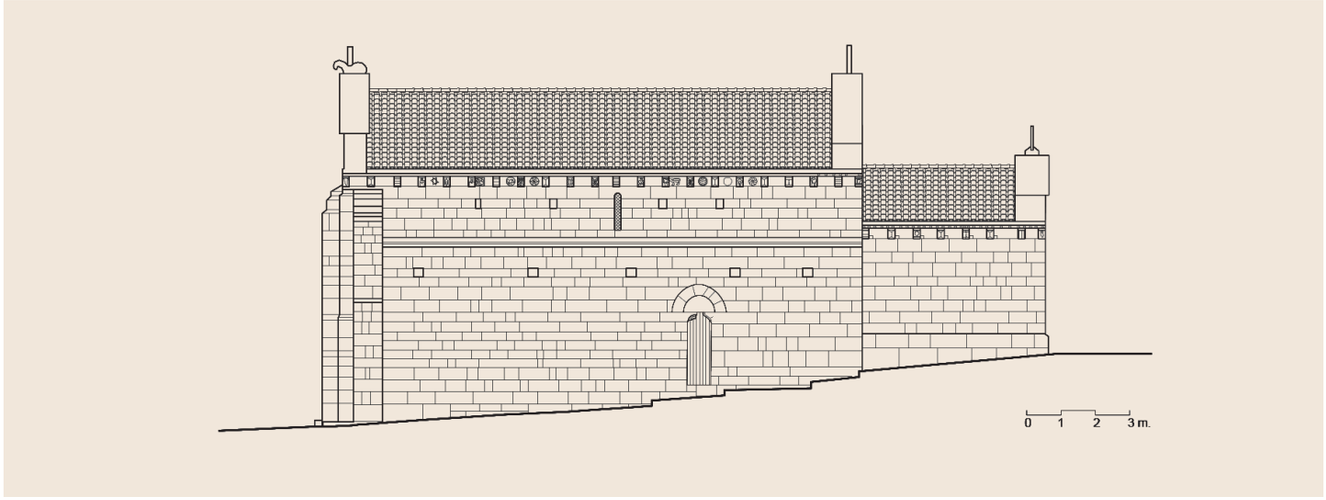
Corte transversal



Alçado ocidental



Alçado sul





Cachorrada da cabeceira. Alçado norte

Cabeceira. Alçado sul



românico português, embora a matriz de Valença, igualmente situada na margem esquerda do Minho e construída na segunda metade de século XIII, também as apresente. Nas regiões hispânicas próximas de Portugal são mais frequentes, como exemplificam as igrejas de Santa Maria de Acibeiro, San Pedro de Morana e de San Matinho de Fiestras (Pontevedra), de San Quirce de Burgos, da Real Colegiada de Santo Isidoro de Léon ou mosteiro de Santa Maria de Villamayor (Astúrias). Em Orada as métopas com motivos vegetalistas geometrizados assemelham-se às do mosteiro de Santa Maria de Villamayor. Este modelo terá sido difundido a partir dos finais do século XII e muito praticado na Galiza no primeiro quartel do século XIII.

Nas nove métopas da fachada sul estão esculpidos os seguintes motivos: duas suásticas, uma estrela de cinco pontas (ou pentalfa), corolas de seis pétalas, uma laçaria e um quadrúpede de desenho heráldico. O muro norte conserva uma única métopa com uma suástica. Os cachorros, cuja secção é tendencialmente retangular, apresentam escultura de motivos variados. Na fachada sul, os vinte e dois cachorros são esculpidos com motivos geométricos, vegetalistas, rolos, e uma cabeça de caprídeo. A figura humana está presente em quatro exemplares: um personagem sentado que toca uma viola de arco, um homem com barba sobre um pipo, uma figura humana sentada com um livro aberto sobre os joelhos e uma figura humana muito



Alçado norte



Portal sul

volumosa. Na fachada norte, os vinte e dois cachorros mostram escultura de motivos semelhantes aos da fachada sul e apresentam seis figuras humanas sentadas, entre as quais se distingue uma porque segura um báculo.

As suásticas e a estrela de cinco pontas, signos amuléticos de longa tradição, são motivos muito glosados no românico português, cujo sentido tem, habitualmente, um caráter apotropaico. Já o significado dos temas esculpidos nos cachorros é de mais difícil interpretação. C. A. Ferreira de Almeida considera que na escultura dos cachorros os temas são mais livres, mais populares e mais variados do que os dos capitéis, e também mais desgarrados. Certamente que nem toda esta escultura tem um significado, embora a sua função seja comum: enriquecer e embelezar o templo. Todavia, não é de rejeitar que, em alguns exemplares, os temas dos cachorros se constituam como elementos de uma rede aparentemente descontínua de significados.

O portal norte não apresenta colunas. Nas mísulas que seguram o tímpano, apesar das lacunas, é perceptível a figuração de animais. No tímpano está finamente esculpido o tema da Árvore da Vida ladeada por uma harpia e outro animal, ambientados superiormente por motivos vegetalistas entrelaçados. No arco envolvente há nós de Salomão, também esculpidos grafiticamente, signos de longa tradição que reforçam o valor apotropaico dos elementos presentes no tímpano. Este tipo de signo, a que se atribuía a capacidade de afugentar o mal, toma várias formas na escultura românica: o pentalfa, os discos helicoidais, as cruzes imbricadas com elementos vegetalistas ou as rosetas. A Árvore da Vida tem um significado semelhante ao da Cruz e os animais que a ladeiam fazem parte das múltiplas formas de representar animais protetores que, ora acompanham temas sagrados, ora se encontram isoladamente, como exemplifica o portal norte da matriz de Melgaço, igreja muito próxima de Nossa Senhora da Orada, cujo tímpano apresenta um feroz canídeo de grande boca aberta mostrando dentes afiados. Na fachada sul, o portal é composto por tímpano liso sustentado por mísulas que, apesar de



Pormenores da cornija da nave

Tímpano do portal norte



Fachada ocidental. Inscrição comemorativa da fundação da capela



estarem partidas, deixam entrever cabeças de animais. Todavia, não é certo que este alçado seja o original uma vez que o vão foi desentaipado aquando das obras de restauro realizadas na década de 1930.

A fachada principal apresenta dois contrafortes em ressalto, que se conjugam com os contrafortes já referidos do topo ocidental das naves. O alçado apresenta ainda cornija sobre cachorros, abaixo da fresta. Segundo C. A. Ferreira de Almeida, o portal em arco quebrado, concebido para não receber tímpano, é um dos melhores exemplares de portal protogótico, embora mostre enxaquetado e outros temas de sabor românico. As colunas, de estreito fuste e capitéis em *crochet* e sem volutas, já não têm a função de suportar as arquivoltas que, em vez de descarregarem o seu peso sobre as impostas, são construídas na espessura da parede. Se os elementos próprios do alçado

do portal românico estão aqui presentes: bases, fustes, capitéis, impostas, arquivoltas e arco envolvente, a relação entre eles é distinta, tendo perdido o caráter tectónico composto por elementos sustentados e peças de sustentação. No que diz respeito às arquivoltas, a caraterística que mais se salienta é a modenatura de feição protogótica. Os motivos esculpidos são, maioritariamente, vegetalistas, embora haja uma aduela com um quadrúpede que volta a cabeça para trás e uma outra com desenho heráldico. Os cachorros que sustentam a cornija, sobre o portal, mostram cabeças de animais, rolos e decoração vegetalista. Na fresta, o arco é decorado com dois registos de pequenos quadrifólios.

Gravada em silhar do umbral direito do portal ocidental, uma inscrição cuja leitura da autoria de Mário Barroca se apresenta, dá conta da ligação entre esta capela e o mosteiro de Fiães:

PRIOR MONACUS DE / FENALIB(us) ISTAM / ECCLESIA FUND(avit)

Trata-se de uma inscrição comemorativa da fundação da capela que Mário Barroca data, hipoteticamente, do século XIII uma vez conjugada com outra epígrafe que se encontra no interior do templo, datada de 1245, e com uma outra inscrição patente também na fachada principal, do lado esquerdo do portal ocidental em silhar fraturado, cuja leitura se apresenta:

[...] V/ III

Segundo Mário Barroca esta epígrafe deve ser articulada com as anteriormente referidas, devendo comemorar algum momento marcante da história construtiva do capela. O silhar fica sensivelmente em frente ao da inscrição anterior. Pergunta o autor se esta epígrafe comemoraria a data da fundação do templo sendo o ano de 1245 referente ao fim dos trabalhos de construção.

Interiormente a nave apresenta alçados completamente lisos. O arco triunfal de aspeto românico é obra do restauro uma vez que, na Época Moderna, tinha sido

Alçado ocidental





Portal oeste. Colunas do lado norte



Portal oeste. Colunas do lado sul

totalmente remodelado, apresentando-se com grades que vedavam a cabeceira, como era próprio das *capelas abertas*.

No muro sul está gravada uma inscrição, com a data de 1245, cuja leitura proposta por Mário Barroca apresentamos:

ERA M CC 2 XXX III

Esta epígrafe tem sido relacionada com uma das fases da construção da capela. C. A. Ferreira de Almeida considera que a data de 1245 está de acordo com as soluções construtivas e decorativas do templo, datando a edificação de Nossa Senhora da Orada entre os meados e o terceiro quartel do séc. XIII e acentuado o modelo protogótico do seu portal ocidental.

A divisão das igrejas românicas da margem esquerda do Minho em dois núcleos, proposta por Manuel Monteiro e seguida por vários autores, como já referimos, identifica a influência da região de Orense em Nossa Senhora da Orada, no mosteiro de Paderne, nas matrizes de Melgaço e Monção e na paroquial de Chaviães. Este núcleo situa-se na parte mais oriental do vale do rio e as afinidades formais com exemplares galegos não são tão evidentes como nos casos do núcleo mais próximo de Pontevedra, de que são exemplos as igrejas dos mosteiros de Ganfei, Sanfins de Friestas (Valença) e São João de Longos Vales (Monção). A área de expansão geográfica da escultura românica galega, que terá influenciado templos como Orada ou Paderne, é menos definida, embora seja na região em torno da cidade de Orense e na arquitetura da Ordem de Cister que encontramos mais exemplares com soluções próximas das igrejas portuguesas. Todavia, e como bem sublinhou

Ramón Yzquierdo as influências entre as margens do Minho acusam dois sentidos: a forte expressão galega patente nas igrejas da margem esquerda e a presença de artistas portugueses na Galiza testemunhada por um tipo de escultura bastante peculiar. A inusual, rica e variada decoração geométrica, especialmente presente na comarca de Limia (Ourense) e desconhecida noutras partes da Galiza, tem soluções próprias do românico bracarense. Na igreja de Santa Maria de Tomiño (Pontevedra), Ramón Yzquierdo encontra um cruzamento entre as influências tudenses e portuguesas, presentes na rica e variada decoração geométrica das arquivoltas do portal axial.

A diferença formal entre os dois núcleos não se deve unicamente à proximidade com Pontevedra ou com Orense, uma vez que há uma clara diferença cronológica que aponta para uma maior precocidade do primeiro núcleo, que corresponde a modelos elaborados e difundidos pelos meados do século XII, e um tendência goticizante que largamente vigorou no século XIII patente no segundo núcleo. Não conhecemos as construções anteriores, que a documentação assegura terem existido, para podermos saber se a escultura volumosa e figurativa de Pontevedra contaminou os templos mais afastados do centro diocesano de Tui. Algumas peças descontextualizadas, como um capitel que será oriundo do mosteiro de Paderne e dois fragmentos incrustados na fachada principal da paroquial de Lamas de Mouro que apresentam soluções volumosas, não permitem tirar conclusões.

A temática da escultura de Orada, Paderne, da matriz de Melgaço e da paroquial de Chaviães é essencialmente vegetalista e geométrica e o tipo de relevo é pouco saliente. Este tipo de escultura teve uma expansão muito alargada no tempo e no espaço e, tanto o encontramos na região de Orense como em Pontevedra. Há contudo um grupo de construções que os adopta sistematicamente: os templos ocupados ou construídos de novo pelos cistercienses não somente na região de Orense mas também em Lugo e Pontevedra. Segundo Valle Pérez, a repercussão do movimento cisterciense foi muito vasta. Os mosteiros desta Ordem converteram-se em poderosos focos irradiadores de sugestões artísticas de caráter proto-gótico, num surto construtivo cujos resultados se evidenciam na Galiza

Interior. Perspetiva a partir do lado oeste





Interior. Nó de Salomão

entre o último terço do século XII e o primeiro quartel do século XIII.

Os motivos vegetalistas do tímpano do portal norte da capela de Orada são de frequente utilização no mosteiro de Santa Maria de Meira (Lugo); e os nós de Salomão são profusamente utilizados em Acibeiro (Pontevedra) onde também pontuam aduelas cujos modelos muito se aproximam das métopas de Orada.

As soluções adotadas nas igrejas portuguesas de Orada, Paderne, Melgaço e Chaviães encontram, como vimos, paralelismos nos templos galegos situados na província de Orense, mas também nos programas das igrejas de Pontevedra ou Lugo cuja cronologia se aproxima do século XIII. Estes modelos não correspondem unicamente a uma difusão local, mas também a uma época, a da entrada dos modelos proto-góticos e góticos na região. Se as construções cistercienses da Galiza funcionaram como polos irradiadores de soluções próprias da época gótica, também assimilaram modelos de longa tradição, como círculos raiados e entrançados e outros elementos de caráter amulético que vimos no portal norte da capela de Nossa Senhora da Orada.

O mosteiro de Fiães, cuja filiação cisterciense está documentada em 1194, exerceu o papel de promotor de diversas construções erguidas no concelho de Melgaço. Além de ter construído a capela de Orada, a comunidade de Fiães participou na construção da matriz de Melgaço e da muralha deste núcleo urbano. A construção da igreja paroquial de Rompecilha (Galiza), da qual nada se conserva, também esteve a cargo dos monges de Fiães, como se deduz de um documento de 1253 no qual o bispo D. Lucas de Tui pede ao abade cisterciense que aí construa uma igreja. No mosteiro de Paderne há soluções presentes nas construções de Cister e na paroquial de Chaviães é nítida a influência do templo de Orada. Se nos elementos remanescentes da época românica da igreja de Fiães, entrevemos uma quase ausência de decoração, já o programa escultórico de Orada é abundante e muito cuidado, como vimos. A função dos dois templos é muito diversa. A localização de Orada, junto à via medieval, e o facto de ser uma capela devocional tiveram certamente influência no seu programa escultórico.

Em Orada e Paderne, apesar da sua riqueza decorativa, há um sentido de depuração e sobriedade e uma nitidez do desenho, diverso de modelos semelhantes utilizados com grande exuberância nas igrejas da província de Orense.

A conjugação do alçado e da escultura do portal axial com a ausência de colunas nos portais laterais, os cachorros de secção quadrangular, a pouca profundidade da cornija e os contrafortes de ressaltos, conduzem a uma datação de meados do século XIII. Nossa Senhora da Orada é um exemplar de um templo protogótico, onde a cultura arquitectónica da época românica tem uma presença assinalável.

Texto: LCR - Fotos: MLB/MF/MS
Plantas: MF/MS/NB (sobre SIPA-DGPC/EACR/RD)

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1973b, p. 57; ALMEIDA, C.A.F., 1978a, pp. 242-243; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 57; ALMEIDA, C.A.F., 2001, pp. 90 e 162; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 326 (de 1245), Insc. n.º 479 (do [século XIII]), Insc. n.º 480 (do [século XIII]); CFIÃES, doc. n.º 3 (de 1173, outubro, 24), doc. n.º 53 (de 1194), doc. n.º 95 (de 1240, maio), doc. n.º 99 (de 1240, novembro), doc. n.º 298 (de 1218, outubro, 25), doc. n.º 301 (de 1220, fevereiro, 26); COSTA, A.J., 1983, p. 117; DGEMN, 1940a; DMP, DR I, doc. n.º 318 (de 1173, setembro, 24); DS, doc. n.º 122 (de 1199, dezembro, 11); LACERDA, A., 1942-53, I, p. 304; MARQUES, J., 2010, pp. 48-51; MARQUES, J., 2016, pp. 13-14; MONTEIRO, M., 1941, pp. 280-285; MONTEIRO, M., 1980, pp. 135-154; PINTOR, M.A.B., [1947], pp. 79-83; PINTOR, M.A.B., 1975, p. 77; REAL, M.L. 1986, p. 45; ROSAS, L.M.C., 1987, II, pp. 99-115; SANTOS, R., 1955, p. 97; VALLE PÉREZ, X.C., 2001, pp. 50 e 119-123; VIEIRA, J.A., 1886-87, p. 9; YZQUIERDO, R., 1998, pp. 52 e 60-68.

Igreja de Santa Maria da Porta

A IGREJA DE SANTA MARIA DA PORTA localiza-se em Melgaço a cerca de 100 km de Viana do Castelo, capital de distrito.

Data de 1183 a mais antiga referência a uma igreja dedicada à *Beate Maria* em Melgaço. O abade Martinho e a comunidade do mosteiro cisterciense de Santa Maria de Fiães (Melgaço) fazem então um acordo com o concelho da vila. O acordo estabelece que o mosteiro tomava conta da igreja durante quinze anos para a reparar. Depois desse prazo, metade da igreja ficaria a pertencer à vila e a outra metade ao mosteiro. Quatro anos depois, em 1187, é estabelecido um outro acordo. A população de Melgaço faz um pacto com o arcediago de Valadares, D. Garcia que tomava a seu cargo a edificação (ou reedificação) da *ecclesiam beate Maria*, comprometendo-se a vila a fornecer os materiais. D. Garcia ficava com um terço da igreja e os moradores com o restante. Todavia, apesar destas referências explícitas a uma igreja dedicada a Santa Maria, um outro documento do *Cartulário de Fiães*, datado de 1205, coloca algumas dúvidas sobre a identificação da igreja mencionada nos documentos anteriores. Em abril de 1205 o abade Domingos do mosteiro de Fiães faz um contrato com André Garcia para que este sirva o arcediago Garcia Nunes. Neste diploma é referida a *ecclesiam de melgazo que est edificata propre portam ipsius vilee*, não sendo mencionado o seu orago. Segundo este contrato, entre o arcediago de Valadares e o mosteiro de Fiães, a igreja estava na posse de André Garcia, passando, depois da morte deste, a pertencer ao mosteiro.

A existência de duas igrejas dedicadas à Virgem em Melgaço, Santa Maria do Campo e Santa Maria da Porta, está documentada nas Inquirições de 1258. A igreja de Santa Maria do Campo viria a ser extinta como paróquia e ocupada pela Misericórdia da vila, situação que se mantém. Apesar das transformações da época moderna, este templo conserva alguns cachorros datáveis do século XIII e dois sarcófagos antropomórficos medievais identificados por Mário Barroca. Não temos a certeza se a igreja de Santa Maria da Porta, identificada por Bernardo Pintor com a atual matriz de Melgaço, corresponde à igreja cujas obras ficaram a cargo do mosteiro de Fiães como consta do documento de 1183. No entanto, antes da extinção da paroquial de Santa Maria do Campo pelo arcebispo de Braga, Frei Bartolomeu dos Mártires (1559-1582), metade da igreja de Santa Maria da Porta era do padroado do mosteiro de Fiães, enquanto a outra metade pertencia aos moradores de Melgaço. Esta circunstância, apesar de registada em data tardia, corresponde ao que ficou consagrado no documento de 1183.

Como já foi referido, em 1187 é estabelecido um acordo entre a população de Melgaço e o arcediago de Valadares, D. Garcia que tomava a seu cargo a edificação da *ecclesiam beate Maria*. Cremos que estas referências documentais (1183 e 1187) dizem respeito a duas igrejas distintas embora sob a evocação do mesmo orago.

Implantada na malha urbana, junto a uma das portas da antiga muralha, a igreja de Santa Maria da Porta situa-se no largo da Matriz. Orientada canonicamente, a igreja é construída em granito e aparelho pseudo-isódomo, sendo composta por uma nave e cabeceira retangular, mais baixa e estreita que a nave, ambas cobertas por tetos de madeira. Uma capela de planta retangular adossa-se à fachada norte da nave, enquanto na fachada sul sobressaem os volumes de duas capelas e da torre sineira. A sacristia encontra-se do lado sul da cabeceira.

Da época românica conserva-se unicamente a nave da igreja. Nos muros desta parcela foi empregue um granito

Alçado oeste





Portal oeste



Portal norte

de grão médio e grosso, enquanto nos elementos esculpidos dos portais foi utilizado um granito de grão fino de duas micas, qualidade frequente na mancha geológica de Melgaço. O alçado da fachada norte é composto por um portal e não apresenta cornija ou cachorros, elementos que terão sido eliminados em campanha de obras de meados do século XX. Ao nível do rés-do-chão encontram-se, esculpidos em baixo-relevo, dois instrumentos: uma picareta e um outro de mais difícil identificação. O portal não apresenta colunas. Duas mísulas sustentam o tímpano onde está gravado, em cuvete, um quadrúpede que pode ser um cão, pelo tratamento do corpo, orelhas e focinho, ou um leão, porque tem juba, ou ainda, um animal híbrido. Segundo uma descrição de 1956 a figura do quadrúpede apresentava policromia. O intradorso das aduelas do arco envolvente recebeu uma decoração grafítica.

Na jamba do lado direito do portal conserva-se uma epígrafe, que coloca alguns problemas pelo facto de apresentar lacunas na sua parte central, o que impossibilita, segundo Mário Barroca, a leitura do ano exato a que se reportava.

ERA Mª CCC [...] IX

Segundo o referido autor, que propõe uma data entre 1262 e 1361, esta epígrafe corresponde a uma inscrição comemorativa da sagração ou da conclusão de alguma fase construtiva do templo.

O alçado da fachada sul encontra-se encoberto por duas capelas e pela torre sineira que se encosta à fachada principal, construções da época moderna.

A fachada ocidental apresenta um portal seguido de um óculo. O remate deste alçado foi alteado na sua parte superior, tendo recebido pináculos e uma cruz. O portal é composto por duas arquivoltas de aresta viva, arco envolvente, tímpano liso e dois pares de colunas com capitéis vegetalistas e bases com modinatura de toro/escócia. A segunda aduela apresenta uma decoração em enxaquetado e o arco envolvente um motivo perlado. No interior da igreja só se conservam, da época românica, os muros da nave, rebocados e caiados, e a moldura do portal norte.

A nave da igreja de Santa Maria da Porta deverá datar da segunda metade do século XIII. Assim o indica a inexistência de colunas no portal norte e os capitéis vegetalistas

do portal ocidental, muito embora a ausência de cornija, cachorros, frestas ou outros elementos da época românica dificulte uma datação mais precisa.

Texto: LCR - Fotos: MLB

Bibliografia

Almeida, C.A.F., 2001, p. 91; Barroca, M.J., 1987, pp. 360-361; Barroca, M.J., 2000a, Insc. n.º 358 (de [1262-1361]); Cfiães, doc. n.º 278 (de 1183, junho, 3), doc. n.º 273 (de 1245, fevereiro), doc. n.º 279 (de 1187, abril, 1), doc. n.º 280 (de 1205, abril, 13); Costa, A.J., 1983a, p. 86; Domingues, J., 2004, pp. 63-114; Fronteira, J., 1956; Pintor, M.A.B., 1975, pp. 19-22; Rosas, L.M.C., 1987, II, pp. 85-92.



Epígrafe na jamba do lado direito do portal norte